

LICÇÃO Nº 11 – O PAI E O ESPÍRITO SANTO

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 14/03/2026.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Texto Áureo:

Rm 8.14

14 Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Rm 8.12-17; Gálatas 4.1-6

Romanos 8

12 De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne.

- Portanto, o Espírito que habita no crente lhe oferece novas possibilidades de existência. Cabe ao crente reconhecer estas oportunidades e agir a este respeito. Novas obrigações agora são atribuídas ao homem que morreu e que ressuscitou com Cristo; nós devemos alguma coisa àquele que nos libertou. Os versículos 12-14 devem ser lidos juntos, pois formam um único pensamento completo: De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne (*kata sarka*). Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo (*ei de pneumatikis praxeis tou somatos thanatouste*, “se pelo Espírito forem colocadas à morte as obras do corpo”, NASB), vivereis. Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.

- O que devemos ao Espírito é a amorosa gratidão para com Aquele que nos fez “livres da lei do pecado e da morte” (2). A alternativa apresentada é familiar à Epístola aos Romanos: a vida segundo a carne ou a vida segundo o Espírito. Igualmente conhecido é o fim ao qual cada uma delas conduz: a morte ou a vida. “Entretanto, Paulo agora esclarece a natureza desta vida segundo o Espírito, dizendo que ele consiste em colocar à morte as obras do corpo, pelo poder do Espírito”. É importante que tentemos captar exatamente o que Paulo quer dizer aqui. Ele certamente não está defendendo a mortificação ascética, que se baseia na ideia de que o corpo é um peso para a alma. Paulo não está propondo nenhum dualismo helenista de corpo e alma. Como já vimos, para ele o corpo (soma) é o ser expresso concretamente. O que o crente está obrigado a fazer é, se pudermos tomar emprestada a feliz expressão de Oswald Chambers, sacrificar o natural em benefício do espiritual. Pelo Espírito, devemos reconhecer que os membros do nosso corpo estão mortos para o pecado e que nós estamos “vivos para Deus” (cf. 6.11-13).

- “Os membros do corpo passam pela morte para que se tomem mais vivos do que nunca pelo florescimento das suas... possibilidades que o pecado tinha suprimido. Agora eles se tomam instrumentos disponíveis para o Espírito”. O cristão que não sacrificar assim o seu corpo enfrentará a ameaça da morte. Enquanto ele viver, enfrentará a opção de morrer para o pecado, ou a opção de

morrer no pecado. No entanto, a vida cristã não é como uma gangorra para aquele que realmente morreu para o pecado. Como Paulo acaba de nos dizer, ele já não está mais “na carne”, pois o Espírito veio para fazer a sua morada dentro do crente. Por meio do Espírito que habita em cada um de nós, Cristo exerce a sua autoridade dentro do verdadeiro âmago do coração do crente. Mortificardes as obras do corpo, portanto, não é um autoflagelo, mas sim a manutenção de uma atitude de obediência, à medida que prosseguimos na sagrada comunhão do Espírito (cf. 2 Co 13.14).

13 Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis.

14 Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.

- Paulo quer que os seus leitores entendam que esta mortificação dos impulsos do nosso corpo pelo Espírito não leva a uma recaída ao legalismo. Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. A mortificação não é a base, mas sim o resultado do nosso relacionamento com Deus. A presença do Espírito nos nossos corações é o resultado de uma mudança nas nossas relações com Deus, uma mudança na qual Deus tomou a iniciativa. Ele enviou o seu Filho para que os seus filhos rebeldes pudessem se tornar seus filhos pela adoção. A mortificação, assim, nos mostra que Deus restabeleceu as relações filiais. Ela nasce da presença renovada do Espírito Santo dentro dos nossos corações. Consequentemente, não há lugar para o medo ansioso.

15 Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.

- O apóstolo prossegue com este pensamento mais plenamente em Gálatas 4.1-7. Sob a lei, o relacionamento mais elevado que alguém pode ter com Deus é o da servidão - isto é, o esforço escrupuloso de agradar a Deus, que é inevitavelmente acompanhado pelo espírito de escravidão... em temor. Mas sob a graça, o nosso relacionamento é o da filiação - isto é, um relacionamento filial de amor, caracterizado pela obediência alegre e agradecida. “Mas quando a plenitude desta época chegou, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai. Assim que já não és mais servo, mas filho” (G14.4-7).

- A palavra aramaica Aba é uma indicação do pensamento de Paulo. Era o termo íntimo familiar para Pai. Em todas as línguas existe uma palavra assim; no latim medieval, essa palavra era papa, e em francês é dada (de onde se originou o termo inglês “daddy”). Embora os judeus se dirigissem a Deus com o termo Abbi, que denota reverência, nenhum judeu pensaria em dizer Aba. Esta era a palavra que Jesus usava quando orava (cf. Mc 14.36). Ouvindo-o falar tão intimamente com o Pai, os seus discípulos lhe pediram: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11.1). Eles aprenderam a conhecer a mesma intimidade que Jesus tinha com Deus. O espírito de adoção que recebemos quando somos justificados pela fé, é a resposta ao pedido dos discípulos. O Espírito coloca nos nossos corações o espírito filial, e nos nossos lábios a expressão Aba, Pai. “Ele se tornou o que nós somos, para que nós possamos nos tornar o que Ele é”. Uma exigência deve ser adicionada, no entanto, para salvaguardar a singularidade de Jesus. Ele é o Filho de Deus por natureza (cf. Jo 1.18); nós o somos por adoção. Contudo, pela encarnação do Filho (cf. 8.3; G14.4), somos introduzidos no círculo da comunhão divina (cf. Jo 17.17-26).

16 O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

- Portanto, podemos ler: O mesmo Espírito (“próprio”, NASB, RSV) testifica com (symmartyrei, testemunha juntamente com) o nosso espírito que somos filhos de Deus (16). Paulo está declarando que existe um “testemunho conjunto” entre o Espírito de Deus e o espírito humano (ou a consciência). Antes de mais nada, há o testemunho do Espírito de Deus, que na fraseologia clássica de Wesley “é uma marca interior na alma, na qual o Espírito de Deus testemunha diretamente ao meu espírito que eu sou um filho de Deus; que Jesus Cristo me ama e se deu por mim; que todos os meus pecados estão destruídos, e que eu, eu mesmo, estou reconciliado com Deus”.

- O testemunho do espírito humano, que necessariamente seguem e corrobora o testemunho do Espírito divino, “é aproximadamente, se não exatamente, o mesmo que um testemunho de uma boa consciência com relação a Deus; e é o resultado da razão, ou a reflexão do que nós sentimos em nossa alma. A rigor, é uma conclusão parcial da Palavra de Deus, e parcialmente da nossa própria experiência. A palavra de Deus diz que todo aquele que tem o fruto do Espírito é um filho de Deus; a experiência, ou a consciência interior, me diz que eu tenho o fruto do Espírito; consequentemente, concluo de forma racional: ‘Portanto, sou um filho de Deus’

17 E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, verdadeiramente herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo: se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.

- O primeiro privilégio de um filho adotado, portanto, é chamar a Deus de Pai. Pela presença interior de Cristo e pela obra do seu Espírito, a nossa filiação se torna uma experiência abençoada de comunhão com Deus. O segundo privilégio do filho adotado é que ele se torna um herdeiro da riqueza do seu Pai adotivo. E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados (17). Podemos dizer que o objetivo da adoção é fazer de alguém o beneficiário dos bens de que, por outra maneira, ele teria sido privado. A metáfora emprestada dos tribunais romanos, portanto, é adequada à dispensação da graça. A ideia da herança enfatiza a gratuidade da riqueza recebida. Na adoção, Paulo vê um privilégio que foi transmitido aos pecadores pelo Filho, o Herdeiro por excelência, Aquele em quem a promessa da herança, feita a Abraão (4.13; cf. Gl 3.29), encontra o seu completo cumprimento.

- Nós somos co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados. Não existe o compartilhar da glória de Cristo, a menos que exista o compartilhar dos seus sofrimentos. Os sofrimentos, e depois a glória, é a ordem indicada no caso de Cristo (cf. 1 Pe 1.11); a mesma coisa se aplica àqueles que são os seus co-herdeiros. É importante observar que eles sofrem com Ele, e esta participação conjunta está enfatizada tanto no caso do sofrimento quanto da glorificação. Os sofrimentos dos filhos de Deus são considerados por Paulo como os sofrimentos de Cristo (2 Co 1.5; Fp 3.10; Cl 1.24; 2 Tm 2.11; cf. 1 Pe 4.13 e Mc 10.39). Dietrich Bonhoeffer, que foi morto como um mártir cristão pela Gestapo em 9 de abril de 1945, escreveu em meio à prova dos seus próprios sofrimentos: “Na comunhão com o corpo crucificado e glorificado de Cristo, nós participamos do seu sofrimento e da sua glória. A sua Cruz é o peso que é colocado sobre o seu Corpo, a igreja.

- Todos os sofrimentos suportados sob esta cruz são os sofrimentos do próprio Cristo. Este sofrimento primeiramente assume a forma da morte batismal (de 6.3-4)... mas existe uma forma

muito maior de sofrimento que esta, aquela que traz uma promessa infável. Pois embora seja verdade que somente o sofrimento do próprio Cristo pode expiar o pecado, e que o seu sofrimento e o seu triunfo ocorreram ‘por nós’, para os benefícios presentes e futuros a nosso favor, ainda assim, para alguns, que não se envergonham da sua comunhão no seu corpo, ele garante a inestimável graça e o privilégio de sofrer ‘por ele’, assim como Ele fez por eles”. Tal sofrimento com Cristo não pode ter outro fim, a não ser a glória com Ele. Em 8.12-17, Paulo nos mostra o tema “A Vida Cristã”. 1) A sua disciplina, 12-13; 2) A sua orientação, 14; 3) A sua devoção, 15; 4) O seu discernimento, 16; 5) O seu domínio, 17 (W. T. Purkiser).

Gálatas 4

1 Digo, pois, que todo o tempo que o herdeiro é menino em nada difere do servo, ainda que seja senhor de tudo;

2 Mas está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai.

- Estes gálatas, sobre quem Paulo tinha acabado de dizer que eram filhos e herdeiros de Deus, precisavam ser lembrados do que acontecera em suas vidas. Como pano de fundo, Paulo alude a um costume bem conhecido concernente a menores de idade: Digo, pois, que, todo o tempo em que o herdeiro é menino, em nada difere do servo (“escravo”, AEC, BJ, NTLH, NVT, RA), ainda que seja senhor de tudo. Mas está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai (1,2). O “menor de idade” (NVI) era colocado sob a supervisão de “guardiões” (BAB; cf. NVI) e “administradores” (BAB, NVI) até o tempo previamente estabelecido pelo pai. Em tal condição, o menino, mesmo que fosse herdeiro legítimo, não tinha mais liberdade que o escravo, embora fosse senhor de tudo, ou seja, fosse legalmente o dono da casa.

3 Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo.

- Esta ilustração indica a escravidão dos judeus debaixo da lei. O propósito primário era mostrar aos gálatas em que posição eles exatamente estavam — assim também nós, quando éramos meninos (3). Como comentado acima (3.26), as observações de Paulo tornaram-se notadamente pessoais aos gálatas. Embora aqui e no versículo 5 ele volte ao pronome mais impessoal nós, ele ainda está falando especificamente com seus convertidos na Galácia. O uso de identificação empática talvez servisse para enfatizar ou amenizar o golpe que viria. Eles também tinham sido “menores de idade”. Mas, por serem gentios, não tinham estado debaixo da lei, mas tinham sido reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo (3).

- Desde os tempos dos pais apostólicos tem-se discutido o significado da expressão paulina os rudimentos (stoicheia) do mundo. Levando em conta sua associação com a lei aqui em Gálatas e a maneira na qual é usada nas outras únicas ocorrências no Novo Testamento, torna-se claro que esta expressão se relaciona de alguma maneira com o pecado entre os gentios, da mesma forma que a lei se relaciona com o pecado entre os judeus. Muitos dos não-judeus buscavam a salvação por regras, regulamentos, jejuns, festas e dias santos. Estes bem poderiam ser os rudimentos do mundo que escravizavam os gálatas (cf. Cl 2.8-20), do mesmo modo que os judeus estavam em escravidão ao pecado pela fraqueza da lei.

4 Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,

5 Para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.

- Nos versículos 4 e 5, Paulo oferece uma descrição mais detalhada da memorável vinda de Cristo e da vinda da fé (cf. 3.19,23,25). Este evento ocorreu na plenitude dos tempos (4), querendo dizer no “tempo determinado pelo pai” (2). O mundo estava em estado de extraordinária prontidão para esta vinda. Quando as condições estavam adequadamente certas, Cristo veio. Esta é a fé da igreja concernente à sua vinda (cf. At 1.7; 1 Ts 5.1). Deus enviou seu Filho (4). Esta é uma etapa do milagre da encarnação — o Filho divino e preexistente foi “dado” ou enviado. A outra etapa da encarnação é que este Filho, como bebê, nasceu de mulher. Jesus entrou no mundo pelo processo natural do nascimento. Como criança em casa judaica, ele nasceu sob a lei. Cristo veio para remir os que estavam debaixo da lei (5; ver comentários em 3.13).

- O propósito da redenção de Cristo foi basicamente positivo. Os gálatas foram libertos da escravidão para receberem a adoção de filhos. O conceito de o homem ser filho de Deus não é exclusivo de Paulo (cf. 1 Jo 3.2), mas o recebimento dessa relação por adoção acha-se somente em seus escritos. A ilustração da adoção ressalta o fato de que o convertido recebe bênçãos que ele não tivera o privilégio de desfrutar em sua posição anterior. Sempre em segundo plano no pensamento de Paulo está o fato de que os gálatas estiveram fora do concerto, mas agora, pela fé, são os verdadeiros herdeiros de Abraão. Esta ilustração é consistente com as ilustrações de “nascer” (cf. Jo 3.3-9; 1 Pe 1.23) e “ser vivificado” (cf. Ef 2.5). Todas descrevem a nova relação que o crente tem com Deus. A vinda de Cristo era fato objetivo e histórico. Aconteceu para que os que estavam em escravidão pudessem ser livres e receber a filiação. Esta provisão, porém, deve ser personalizada na experiência pessoal do crente quando ele exercita a fé em Jesus Cristo. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho (6; cf. Rm 8.14-17).

6 E, porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai.

- A presença do Espírito de Deus no crente é a evidência de que ele é realmente filho de Deus. No coração do crente, o Espírito do Filho de Deus clama: Aba > Pai. Este é o choro filial, de um filho amoroso, em reconhecimento de um Pai amoroso. Este é o único uso de kardía (“coração”) em Gálatas. É um termo empregado extensivamente no Novo Testamento para representar a vida interior do homem, e é a arena da atividade divina. O elemento de testemunha pessoal do coração do crente pelo Espírito de Deus, tão competentemente enfatizado pelos Wesleys, é parte vital da experiência cristã. A salvação é pela fé, mas essa fé tem sua resposta. É maravilhosa e gloriosamente pessoal, Deus acomodando em cada alma a manifestação de si mesmo que resulta no clamor: Aba, Pai.

Referências bibliográficas:

- BAPTISTA, Douglas. **A Santíssima Trindade — O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2026.
- BAPTISTA, Douglas. **Lições Bíblicas: A Santíssima Trindade — O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2026.
- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **O Pai e o Espírito Santo**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **O Pai e o Espírito Santo**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides. **O Pai e o Espírito Santo**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **O Pai e o Espírito Santo**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.